19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

ÁREA TEMÁTICA:(marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

( ) COMUNICAÇÃO

( ) CULTURA

(X) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA

( ) EDUCAÇÃO

( ) MEIO AMBIENTE

( ) SAÚDE

( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO

( ) TRABALHO

*LIVE*SOLIDÁRIA DO ACAMPAMENTO LUTA PELA VIDA (DF)

Joel Anastacio[1]

Marcio AndreKokoj dos Santos[2]

Letícia Fraga[3]

Resumo: Neste trabalho descreveremos a proposta de realizar uma *live*solidária entre o CEAI (mediada por Joel Anastacio, agrônomo do povo Kaingang) e Marcio AndréKokoj dos Santos Diretor Presidente na ASAIKG, Militante do Movimento Indígena, com vistas a levantar recursos para apoiar os indígenas que se encontravam acampados em Brasília durante o mês de agosto de 2021, no *Acampamento Luta pela Vida*. Esta foi considerada a maior mobilização na história dos povos originários em território brasileiro, cujo grito era: *Nossa história não começa em 1988*! Segundo o Manifesto Luta pela Vida, "Mesmo colocando nossas vidas em risco, no contexto ainda gravemente perigoso da Covid-19, estamos aqui para dizer aos invasores dos nossos territórios que não passarão, mesmo diante dos intensos ataques aos nossos direitos fundamentais assegurados pela Constituição Federal de 1988" (PRIMAVERA INDÍGENA..., 2021). A *live* realizou-se em 30 de agosto, via *Youtube* e foi a primeira transmissão realizada pelo CEAI ao vivo. Durante a transmissão, JoelAnastacio e Marcio Kokojesclareceram ao público que acompanhou o evento as razões pelas quais os indígenas se manifestavam e porque lutam contra o marco temporal, que se encontrava em votação naquele dia. O objetivo de levantar recursos foi atingido graças aos doadores que assistiram à *live*.

Palavras-chave: Acampamento Luta pela Vida. Marco temporal. Movimento indígena. CEAI.

[1] Membro de projeto de extensão; UEPG; Agronomia; Joelanastacio22@gmail.com.

[2]Membro de projeto de extensão; UFFS; Interdisciplinar em Educação do Campo; marciokokoj@gmail.com

[3]Coordenadora de Projeto de extensão; UFSC; DEEL; leticiafraga@gmail.com.

NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

PÚBLICO-ALVO

Indígenas e não indígenas, interessados em acompanhar as movimentações dos povos indígenas em relação à discussão sobre a tese do Marco Temporal, PL 490.

MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Diversos municípios, considerando que foi realizado via *Youtube*.

LOCAL DE EXECUÇÃO

O evento foi transmitido de Brasília, mas realizado remotamente.

JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo "Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por

exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

OBJETIVOS

- Descrever a proposta de realizar uma *live*solidária diretamente de Brasília com Marcio André Kokoj dos Santos, que se encontrava no Acampamento Luta pela Vida
- Descrever como se deu a primeira transmissão realizada pelo CEAI ao vivo.
- Esclarecer ao público as razões pelas quais os indígenas se manifestavam e porque lutam contra o marco temporal, que se encontrava em votação naquele dia.
- Levantar recursos para doar aos indígenas acampados em Brasília.

METODOLOGIA

A ideia de realizar uma *live* com Marcio Kokoj surgiu na reunião geral do CEAI no mês de agosto de 2021. Nasreuniões mensais, o grupo faz um levantamento dos

compromissos do mês e divide os compromissos entre todos os membros. Ao final da reunião, há espaço para a palavra livre, da qual podem fazer uso todos os membros presentes. Neste encontro, Joel Anastacio, que pertence ao povo Kaingangeé agrônomo, demostrou sua preocupação com a situação dos indígenas que se encontravam acampados em Brasília, considerando o quanto a votação do PL 490, do Marco Temporal, se estendia, ao mesmo tempo que considerava importante que a população em geral, indígenas e não-indígenas, fosse esclarecida sobre o que de fato estava em jogo em relação a esse PL. Desse modo, propôs que o CEAI realizasseuma transmissão, da qual se ofereceu para ser mediador. Discutimos a melhor plataforma para fazer a transmissão e decidimos que o ideal era usar o canal do *Youtube*, de modo a atingir o maior número de espectadores. Decidimos também que veicularíamos a *live* como '*live* solidária', para arrecadarmos recursos que seriam encaminhados aos indígenas acampados em Brasília. Desse modo, dia 30/08 a *live* foi realizada com a participação de Marcio Kokoj, mediação de Joel Anastacio e transmissão de Ana Paula Almeida, da equipe de comunicação do CEAI.

RESULTADOS

Conforme os objetivos que traçamos, obtivemos dois resultados: primeiro conseguimos fazer um levantamento de doações que permitiu a permanência dos indígenas no acampamento por mais um tempo. O outro resultado diz respeito à qualidade da discussão realizada, que contribuiu muito para o debate sobre o PL 490, no sentido de esclarecer as motivações dos indígenas que estavam em Brasília se manifestando. Algumas pessoas fizeram perguntas nesse sentido e tanto Marcio quanto o mediador Joel, membro do CEAI, responderam de forma a tirar as dúvidas dos espectadores. Em razão da qualidade do debate, este foi transcrito e segue no quadro 1, para registro.

Quadro 1 – Fala de Marcio Kokoj

Meu nome é Marcio Kókoj, sou Kaingang, sou do estado do Paraná, moro na Terra Indígena de Mangueirinha. Semana passada a gente teve atividade da mobilização indígena e permanecemos aqui em Brasília, para acompanhar a questão da votação que ia ser colocada em pauta, do Marco Temporal. Porque que estamos em Brasília ainda? Pelo fato de que se iniciou a votação, mas não foi concluída. Já tivemos um voto favorável do ministro Fachin, que foi o relator do PL. Ele votou a favor dos povos indígenas, dizendo não ao Marco Temporal, porque o Marco Temporal nada mais é que o limite de tempo e espaço.Para os povos indígenas permanecerem nas suas terras teriam que estar lá antes de 88. E a nossa história não começa em 88, nossa história começa antes de 88 e depois de 88. Precisamos considerar os povos que estão retornando às terras de origem, que foram expulsos de suas terras e hoje estão retornando, por conta dos processos do passado. Para continuar a luta aqui em Brasília, nós decidimos permanecer, para acompanhar a votação que vai iniciar novamente na quarta-feira. Estamos aqui esperançosos, com muita energia, muita espiritualidade, para que a gente possa nos

fortalecer, para que nesta quarta-feira a gente possa ter a sequência dessa votação.Não sabemos se vai se estender até sexta feira, não sabemos se vai se estender até a semana que vem, mas felizmente ela já iniciou. A grande dificuldade era ela iniciar. Avotação iniciou, estamos em Brasíliano acampamento "Luta pela Vida" com mais de 6 mil indígenas de diversos povos do Brasil.

Hoje a delegação que permaneceu tem em torno de 1500 indígenas de todo o Brasil, sendo que a maioria indígenas que está aqui é da região sul, principalmente o povo Xokleng, já que a repercussão geral do PL diz respeito à terra deles. Ou seja, a repercussão geral, caso ocorra ganho de causa para eles, vai valer para todas as demais terras indígenas, assim como a Raposa Serra do Sol também. É uma questão muito grande que está acontecendo e que estamos acompanhando aqui em Brasília. Na região sul,existem os Xokleng, os Kaingang, os Guaranis, Guarani Mbyá, Guarani Nhandeva. Por essa razão todos esses povos estão aqui nesse momento para poder somar nesta luta.

Por isso estamos em Brasília, estamos firmes na luta.Para vocês que nos acompanham, estamos solicitando ajuda, porque a gente precisa permanecer com o maior número de pessoas em Brasília, para que a gente possa seguir na luta.

Semana que vem vai ocorrer a Marcha das Mulheres Indígenas, de 9 a 11. A partir do dia 7, acredito que chegam delegações e a gente vai também permanecer em Brasília, para que possamosdar suporte a essas guerreiras. Como falei, espero que esta votação ocorra toda essa semana, mas caso não seja possível, que essa votação ocorra na semana que elas estarão aqui, que é a semana que vem, para elas possam também reforçar a nossa luta em Brasília.

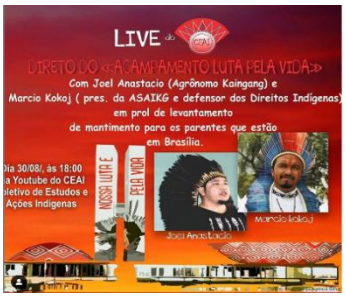
Com certeza a gente não vai dar sossego ao Bolsonaro.A ideia é não dar sossego a ele, porque ele falou que não demarcaria um centímetro de terra indígena.Se ele não demarcar, ele também não terá sossego até o ano que vem. A gente já sabe a posição dele.Infelizmente o Bolsonaro está mentindo. Ele está até trazendo outros parentes indígenas, isso é até bom esclarecer, porque as pessoas veem alguns indígenas próximos dele. Mas aqui tem várias delegações desses mesmos povos que dizem que esses indígenas não os representam, é uma minoria. A grande maioria está aqui fazendo a luta contra esse governo, que tratamos como um governo genocida dos povos indígenas.Quando ele quer acabar com os direitos dos povos indígenas, quer fazer a mineração em terras indígenas, quer explorar através da parceria do arrendamento, colocar com moldes de produção agrícola dentro das terras indígenas,isso é totalmente errado, pois vai acabar com a questão ambiental, com as queimadas que ele incentiva. Então está totalmente ao inverso do que a gente poderia estar discutindo.

Hoje ele traz parentes indígenas para discutir formas de produção agrícola, sendo que nós podemos discutir formas de produção sustentável, de sustentabilidade de etnodesenvolvimento, para que a gente possa agregar valor aos nossos sistemas de produção, diversificar a cultura.Ele não quer discutir isso, ele quer trazer a monocultura pesada, a gente sabe muito bem.Nós temos grandes exemplos aí da região sul, inclusive da nossa própria terra indígena Mangueirinha, que isso acaba degradando, além de degradar a questão ambiental, o solo, acaba vindo tudo contra aquestão social, pois acaba que uns têm mais e outros menos. No estado do Rio Grande do Sul, infelizmente, acaba havendo até expulsões por conta disso. São coisas pesadas que esse governo insiste em querer defender e insiste em estar trazendo indígenas em dizer que estão fazendo defesa dele. Mas a política dele é uma política mentirosa, todos são sabedores disso. Por isso ele não vai conseguir cumprir com essas coisas e os parentes que estão infelizmente hoje muito próximos dele vão ver isso e a verdade vai aparecer.

Sabemos que estamos dentro de uma pandemia.Eu estou agora aqui no momento isolado, a gente tem todos os cuidados em Brasília, usando máscara,álcool em gel.Tem uma equipe de saúde, porque a gente precisa ter esse cuidado, sabemos que estamos em uma pandemia, mas ou nós morríamos na aldeia pelas leis que estão fazendo no Congresso Nacional e sendo votadas hoje, ou nós morríamos pelo Covid19. Então preferimos vir para a guerra, vir pra batalha, ficar em Brasília e permanecer aqui.

Fonte: Transcrição do vídeo (os autores)

Figura 1 – Cartaz de divulgação



Fonte: Os autores

Figura2 – Transmissão ao vivo e solicitação de doações



Fonte: Os autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os resultados apontados, consideramos que o evento foi extremamente positivo em relação aos objetivos que o motivaram. O Coletivo avalia que, dessa forma, cumpre com seus propósitos, que dizem respeito não somente à defesa ao respeito aos povos indígenas, mas especialmente a ações que se contraponham ao debate racista e anti-indígena presente em nosso país.

REFERÊNCIAS

BENITES, T.**A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities.**DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela.**Povos indígenas e escolarização**: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.